

Na Sala de Aula

QUINTA-FEIRA | 6 | DEZEMBRO | 2007



HERMINIO NUNES

EM FLORIANÓPOLIS

O jornal vira ferramenta no aprendizado dos alunos

No Colégio Irineu Bornhausen eles têm intimidade com o produto, que deveria fazer parte da vida de todos. **Página 2**

ARTES

Van Gogh inspira jovens estudantes de Três Barras

Obra do pintor holandês foi o tema escolhido pela professora Maria Rosélis de Souza. **Página 4**

INDÍGENAS

Nas aldeias, eles estudam para manter a identidade

Páginas 6 e 7

PÁTRIA

Professora de Vidal Ramos quer despertar o patriotismo

Páginas 8 e 9

DESCANSO

Estudantes e mestres dizem o que farão nas férias

Página 10

Alguém muito especial na turma

Página 3

Apresentação

Lucas Lüttig e Alexandre Vieira são dois garotos especiais. O primeiro depende de cadeira de rodas para se deslocar no pátio do Colégio Irineu Bornhausen, em Florianópolis, onde estuda, e o segundo é o amigo que ajuda sempre, mas nem sempre está perto para empurrar. Assim tem sido a convivência entre os alunos portadores de necessidades especiais e os demais colegas. Quando é necessário, uns auxiliam os outros.

O importante é que o grupo convive bem, o que facilita a inclusão de quem precisa de uma mãozinha para se deslocar ou para outra atividade qualquer.

A inclusão dos portadores de necessidades especiais em colégios regulares é um dos temas abordados nesta edição do DC na Sala de Aula, a última deste ano. Ainda neste tema, a reportagem conta a história de Igor da Silveira, um deficiente visual que ganhou um impulso na escola a partir de um computador com software específicos para cegos ou para pessoas que têm uma visão mínima.

Os colégios regulares do Estado ainda têm um longo caminho pela frente para estarem aptos a receber os portadores de necessidades especiais. O processo de inclusão, no entanto, é irreversível. Os próprios professores aprendem a lidar com esta integração como se subissem uma escada sem pular os degraus.

Este, porém, não é o único tema do suplemento. Também é abordado o ensino nas escolas indígenas de Santa Catarina.

Os estudantes nas aldeias têm um foco diferente dos alunos de outras escolas. Eles não aprendem para fazer o vestibular e se preparar para o mercado de trabalho. Vão à aula para, por exemplo, conhecer técnicas agrícolas para, depois, colherem os frutos deste aprendizado.

O DC na Sala de Aula ainda trata de trabalhos que vêm sendo feitos por estudantes a partir do uso do jornal. Num colégio, a professora descobriu que os seus alunos conseguiram entender melhor os gráficos a partir do momento que tiveram contato com os periódicos. Além disso, os estudantes passaram a ter mais gosto pela leitura de fatos do cotidiano.

Como não poderia faltar, o caderno ainda mostra os trabalhos realizados por estudantes dos ensinos fundamental e médio.



Os estudantes do ensino fundamental do Colégio Irineu Bornhausen, em Florianópolis, utilizam o jornal para compreender melhor os gráficos

Ajuda periódica

Gráficos não são fáceis de compreender. Quando se está na 4ª série do ensino fundamental fica ainda mais complicado. Devido a essa dificuldade, hoje os alunos da professora Lian-dra Rodrigues, do Colégio Irineu Bornhausen, na Capital, têm intimidade com um produto que deveria fazer parte do cotidiano de todos: o jornal.

O meio de comunicação apareceu na sala da 4ª série como forma de diversificar o material didático. Ao invés de livros de matemática, a professora optou por jornais para facilitar a compreensão dos gráficos. Nessa busca de tornar a aula atrativa, o jornal apareceu como uma alternativa eficaz em chamar atenção dos alunos para a leitura de notícias.

– Quando percebi que tive êxito, estendi o método para as demais e o resultado, além de ter aumentado a atenção, elevou a intimidade deles com os impressos. Fora a apresentação do material feita

para os que nunca haviam entrado em contato com o veículo – conta Lian-dra.

Mais do que utilizar o jornal para entender como funciona a política ou como se constrói uma frase, a turma da 4ª série aprende também solidariedade. Notícias como o salvamento do bebê Andrieli de um incêndio por Riquelme, um catarinense de oito anos, viram discussões sobre o tema.

Folhas recolhidas para a reciclagem do papel

Ao final da aula, nada de jornal recortado e jogado no chão. Os alunos recolhem as folhas, que são recicladas ou aproveitadas nas aulas de artes, coordenadas pela professora Elaine Ghorzi. Ela mostra como o jornal pode ser utilizado para fazer cestaria e a turma se empenha para levar o objeto confeccionado para casa. Daí sai a aula sobre linha, ponto, plano e imagem tridimensional.

Não é só para os menores que a informação surte efeito. No Colégio Coronel Antônio Lemhkul, em Águas Mornas, a turma da 8ª série admite que começou a ler com frequência os diários em função de um trabalho desenvolvido pela professora de Português, Claudia de Moraes.

A cada duas semanas, ela dedica uma aula para a leitura de jornais. Desde o início do ano, cada grupo de até três alunos, já escolhe a seção que deseja trabalhar em sala. O objetivo é que eles falem a respeito das reportagens que elegeram como mais interessantes, contando as novidades e a importância do tema.

Os trabalhos são guardados em pastas elaboradas para abrigar as notícias e os respectivos comentários. Quem gosta de negócios, fala de economia. Os que gostam de música, de variedades.

– Antes, mal tínhamos noção do conteúdo do jornal. No máximo, lia o horóscopo e os meninos, os esportes – confessa a estudante Gabriela Maciel, 14 anos.

Grupo RBS DIÁRIO CATARINENSE

Na Sala de Aula

Diretor Geral: Marcos Noll Barboza
Diretor Comercial: Diego Quevedo
Editor-Chefe: Claudio Thomas
Gerente Operacional: Cláudio Sá
Gerente de Circulação: Adriano Araldi
Coordenadora do projeto: Vanessa Sanceverino Esteves
Textos do DC: Mariana Ortiga
Diagramação: Guilherme Garcia, Cristina Assumpção, Keli Cumerlato e Fabiano Peres
Fotos: Hermínio Nunes, Glaicon Covre, Daniel Conzi, Roberto Scola e Diego Redel
Edição: Tarcísio Poglia

Comunique-se com o DC:

Rua: Desembargador Pedro Silva, 2958 – Itaguaçu – Florianópolis- SC

(48) 32163444

Fax: (48) 32163355

E-mail: nasaladeaula@diario.com.br

Como começou

O primeiro jornal impresso foi produzido por Johann Carolus, na Alemanha, em 1605, segundo a Associação Mundial de Jornais. Carolus adquiriu uma prensa e começou a distribuir cópias do jornal que se chamava Relationen. A história da imprensa, no entanto, começou bem antes disso, por volta de 59 a.C., quando Julio César afixou nos muros do Fórum Romano o que seria o primeiro jornal do mundo. Seu intuito teria sido o de tornar públicos os desentendimentos dos parlamentares e enfraquecer o Senado. O primeiro jornal brasileiro, o Correio Brasileiro, foi fundado em 1º de junho de 1808. A data é comemorada como o Dia Nacional da Imprensa.



Gabriela Maciel (E) lembra que, antes da atividade em aula, apenas lia horóscopo

Professores, escolas e alunos: mandem seus e-mails para o DC Na Sala de Aula! Queremos estreitar o relacionamento com os protagonistas da educação em Santa Catarina. Contato: nasaladeaula@diario.com.br. Aguardamos seu e-mail!

Efeitos da inclusão

No início do ano, quando chegou ao Colégio José Matias Zimmermann, em Palhoça, a estudante da 1ª série Inaiê Beirão, oito anos, falava três palavras: mamãe, papai e o próprio nome. Hoje, ela pode conversar com os colegas de turma, que não apenas a compreendem como cuidam da colega com síndrome de down.

A fórmula para o desenvolvimento da menina é a mistura de amor ao aluno com dedicação à profissão, segundo a professora Roseli de Souza Dimon. Ela conta que não há milagre quando se trata de inclusão de alunos portadores de necessidades especiais, e sim, muito trabalho.

– Primeiro é pesquisar o problema para poder desenvolver uma didática que contemple o aluno, porque é preciso elaborar adaptações curriculares, nunca diferenciações – observa.

Dependendo da necessidade, há nas salas de aula um segundo professor. Ele atua como um facilitador para garantir que ninguém fique desassistido, caso estudantes como Inaiê precisem de mais tempo do educador. Quando entrou na escola, ela dependia dos professores para comer e ir ao banheiro. Os colegas não acharam ruim, afinal, são os

primeiros a chamar a professora quando a companheira de turma precisa.

No Colégio Irineu Bornhausen, em Florianópolis, a amizade também é um incentivo para o estudante da 3ª série Lucas Lüttig, 13 anos. Como não anda, nos intervalos, ele sai de sala com a ajuda dos amigos Alexandre Vieira e Mateus Chaves, nove anos. Bom aluno na avaliação dos professores, é participativo nas aulas, e a interação que têm com os colegas impede que tenham ciúme.

É preciso estrutura para recebê-los

Mas nem só com profissionais e amigos dedicados se desenvolvem os portadores de necessidades especiais. É preciso estrutura para recebê-los. As escolas ainda contam com o improvisado para a inclusão desses alunos, principalmente de cadeirantes como Lucas, que necessita de um professor para ajudá-lo a ir ao banheiro, que não é adaptado.

No Colégio Getúlio Vargas, na Capital, a história se repete. Os alunos dispõem de rampas pelo pátio e na porta das salas de aula. Para isso, o setor de serviços gerais precisa construir o acesso em frente à sala que receberá cadeirante, no começo de cada ano. Não há uma estrutura

pensada para todo o colégio.

– As escolas são antigas e passaram a receber portadores de necessidades especiais a partir do ano passado. Então, elas estão passando por uma adaptação à medida que surge a demanda – explica Ivone Schaefer, da Gerência de Educação.

Para a estudante da 6ª série, Mariele Zenaide dos Santos, 16 anos, que é cadeirante, a estrutura do Getúlio Vargas não significa empecilho. Desportista, ela dispensa amigos e cadeira motorizada para exercitar a força nos braços, que necessita para nadar. Na aula de Educação Física, também não se priva de jogar:

– Quando a turma se divide, prefiro jogar vôlei, porque basta travar a cadeira. Para o basquete, já é preciso cadeira própria – conta.

De acordo com a professora Roseli Dimon, quando se fala em inclusão, há que se considerar outra dificuldade que é a falta de diagnóstico de alguns alunos. Ela conta que muitos apresentam dificuldades no aprendizado e, às vezes, os pais nem imaginam quais os verdadeiros motivos.

– É comum que os pais não consultem especialistas por diversas razões, que incluem a demora no atendimento gratuito, e fiquem sem saber qual a deficiência do filho. Isso dificulta o trabalho de inclusão.



DIEGO REDEL

Colega e amigo, Alexandre ajuda Lucas, que é participativo durante as aulas



DANIEL CONZI

Mariele dos Santos, do Colégio Getúlio Vargas, tem autonomia na sala de aula e joga vôlei com os colegas na Educação Física

Apoio tecnológico

Quem pouco se preocupa com a estrutura física do colégio onde estuda é Igor Nunes da Silveira, 16 anos. Aluno do primeiro ano do ensino médio da escola Vanderlei Júnior, em São José, sua preocupação era com a chegada de um computador com softwares específicos para deficientes visuais como ele, doado pelo Ministério da Educação. Se suas notas já dão inveja, agora, com a máquina, poderá aprender com maior facilidade.

Fã do aparato tecnológico, contando com a ajuda de programas de voz, grava o que foi passado, passa para o aparelho de MP3 e leva a matéria embora. Até o mês passado, Igor digitava o que estava no quadro em uma máquina.

O material era enviado para a Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) para ser traduzido em braile, assim como as provas elaboradas pelos professores. O trabalho demandava uns cinco dias e exigia que os professores falassem próximo ao estudante e alto. Hoje Igor tem muito mais autonomia para realizar suas tarefas.

– Gosto de estudar, penso na importância desse empenho para meu futuro – finaliza.



HERMÍNIO NUNES

Imaginação nas estrelas

“Noite Estrelada”, de Van Gogh, foi o tema selecionado pela professora Maria Rosélis de Souza para trabalhar com os seus alunos da Escola Básica General Osório, no município de Três Barras, Planalto Norte de Santa Catarina. Cada estudante procurou criar o seu céu e os seus mistérios, utilizando a imaginação e criatividade.

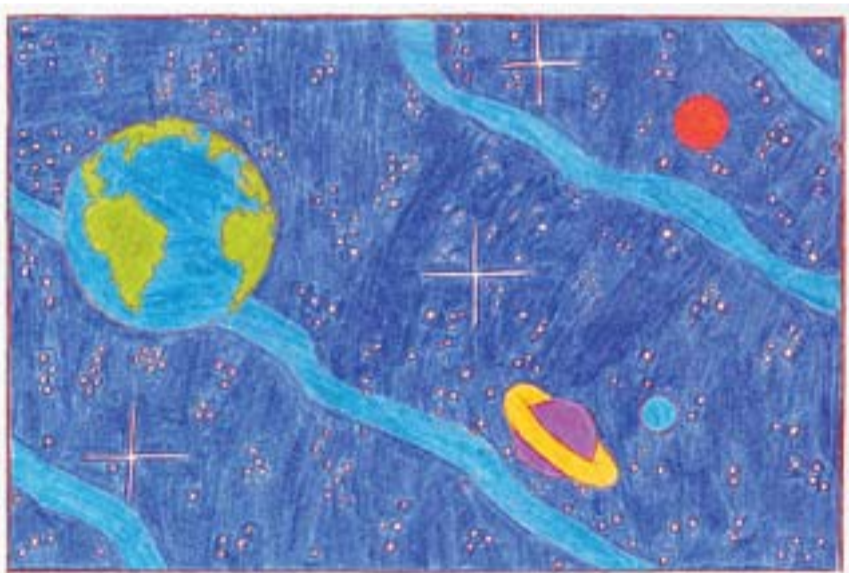
A atividade foi realizada pelos alunos de 5ª a 8ª série. Os estudantes observaram a obra de Van Gogh para, depois, trabalhar com os movimentos artísticos impressionismo e expressionismo. Desta forma, diz a professora, os alunos puderam perceber as diferenças entre os dois movimentos culturais.

Confira os desenhos produzidos pelos estudantes.

Maiara Almeida da Silva,
7ª série



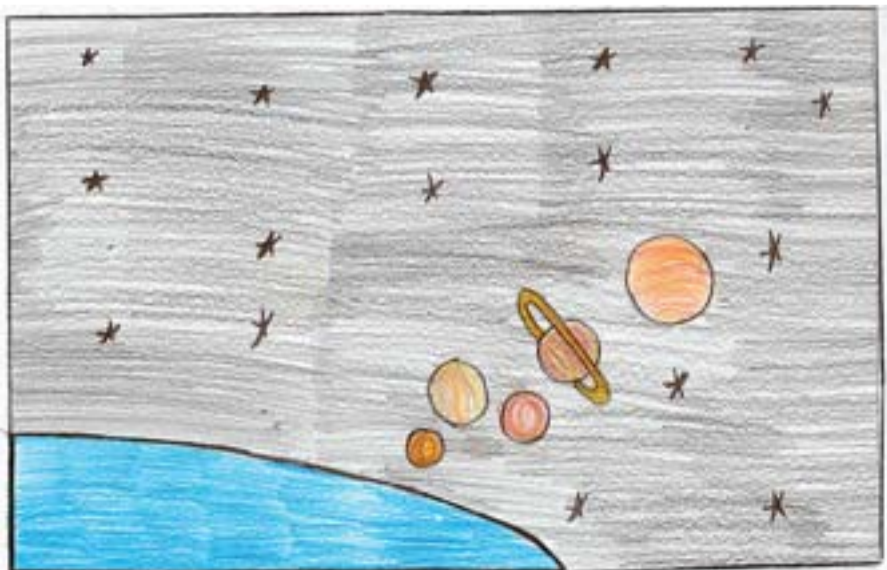
Jucy Abuda Neto,
14 anos, 8ª série



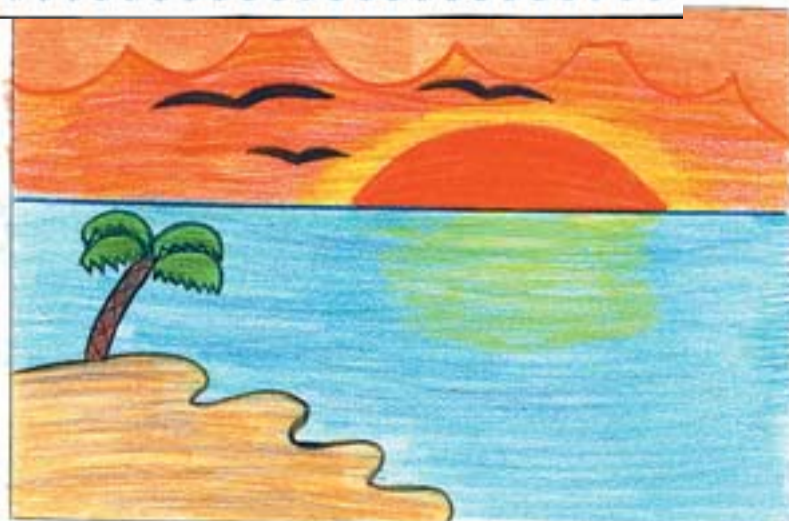
Diéssica Bueno, 13 anos, 8ª série



Natalia Hernandez,
14 anos,
8ª série



Daiane Romanovitch,
13 anos



Daiana Skori, 13 anos, 7ª série



Jéssica Lemes de Moraes, 6ª série



Rogério Luiz Junior, 12 anos, 5ª série



Elias Lens, 14 anos, 8ª série



Jaine de Ramos, 13 anos



Bruna Penter, 12 anos, 6ª série



Thaís de Oliveira, 14 anos



Giovane Pereira Filho, 8ª série



Fabiano Adriano, 13 anos, 7ª série



Jéssica Ravem, 13 anos



Erik Nunes Gomes, 13 anos, 8ª série



Denise Romanovitch, 13 anos, 7ª série



Daina Furda, 8ª série



Brenda Antunes, 14 anos, 7ª série



Santa Moreira, 40 anos, 7ª série



Aula prática de agricultura é uma das mais disputadas na Escola Guarani Wherá Tupã Poty Dja, em Biguaçu, porque os estudantes comem o que eles mesmos plantam



Num português perfeito, Ronaldo Antônio Barbosa diz por que gosta de estudar

Artesanato como base da sobrevivência

Na escola Guarani Itaty, em Palhoça, a concentração dos alunos diante da ceramista que vai à aldeia para coordenar uma oficina no horário da aula de artes da 3ª e 4ª séries, revela a preferência dos indígenas por técnicas manuais. Ao invés de escreverem, gostam mais de se expressar através de desenho, como seus antepassados.

Não é à toa que em aldeias, como a Itaty, a base da sobrevivência é o artesanato. Madeira e taquara costumam ser matéria-prima da cestaria. Diferente das aldeias em que a agricultura é a atividade principal, lá o calendário escolar acompanha o dos colégios convencionais, sem pa-

rar no início de agosto para o preparo da terra.

Na hora da merenda, também não há diferença. Todos estampam um sorriso para a pausa acompanhada de comida. O cardápio é que varia e se divide entre as duas culturas. As merendeiras oferecem macarrão com rorá (mistura que leva farinha acompanhada de galinha), ou carne com tipá, um bolinho de trigo Guarani.

A curiosidade sobre computador, o desejo de manuseá-lo e a destreza que adquirem diante das máquinas é outra semelhança que os indígenas têm com os não-indígenas. O entrosamento com a tecnologia, no entanto, desperta o preconceito de quem não mora na aldeia, segundo o diretor da Wherá Tupã Poty Dja, André Luiz Marcelino.



Eliziane Moreira, 14 anos, 6ª série



Daniela Moreira, 14 anos, 7ª série



Patrícia Keretchu Moreira, 8 anos, 1ª série

Escolas indígenas têm foco diferente

Eles não estudam pensando em passar no vestibular, fazer faculdade e ganhar dinheiro. Enfrentar a competição do mercado de trabalho é coisa de "Djuruá", ou seja, homem branco, traduzindo da língua guarani para o português.

Os índios que vivem em Santa Catarina vão à escola para manterem sua cultura, conhecer a dos não-indígenas e se prepararem para o mundo fora da aldeia, caso queiram sair dela.

A fórmula da educação escolar é a mesma: quadros, cadeiras, mesas e professor. Mas se alguém chegar falando português em uma sala de primeira ou segunda série do ensino fundamental Guarani, dificilmente será entendido pelos alunos.

Isso porque, diferente dos demais, eles são alfabetizados exclusivamente na língua indígena da aldeia em que vivem e o português surge para eles como o inglês para o não-indígena, aos poucos.

Embora pareça complicado entender, o que acontece na prática nessas escolas é a atuação de dois professores em sala de aula, a partir da terceira série. Para geografia, por exemplo, a explicação é dada como em qualquer colégio. Até terminá-la. Depois, o professor Guarani traduz o que foi dito.

Nas aulas de história, há duas versões para os mesmos fatos. O professor não-indígena conta o que consta nos livros didáticos e o indígena, o que aprendeu com o pai, que aprendeu com o avô, que aprendeu com o bisavô...

Mas as diferenças não param por aí. Se o objetivo é a manutenção da cultura dos índios, as disciplinas precisam ser condizentes com a realidade de cada tribo, seja Guarani, Kaingang ou Xokleng. Nas duas últimas, no entanto, cada professor fala as duas línguas.

Por causa dessas peculiaridades, as 29 escolas indígenas, existentes desde 1998 em Santa Catarina, são consideradas bilingües.

Para os indígenas, uma aula prática

de agricultura pode virar a mais disputada se os integrantes da aldeia comem o que plantam. É o caso da Escola Guarani Wherá Tupã Poty Dja, localizada no município de Biguaçu, que tem na agricultura de subsistência o meio de sobreviver.

Gosto pelas atividades rurais incentiva estudos

Ronaldo Antônio Barbosa, ou Karai Dju, 18 anos, é um dos estudantes que se empolgam nesta aula. Até quando não está em sala, se avista de casa que têm alunos trabalhando na terra, corre para participar. Isso porque, apesar das séries terem turmas e turnos definidos, existe uma flexibilidade nessas escolas que não há em nenhuma não-indígena. A mistura de alunos em classes que não são as suas não é vista como um problema, e sim como parte do cotidiano de um povo que entende, mas não compreende certas regras do homem branco, e vice-versa.

— Gosto de estudar porque quero sa-

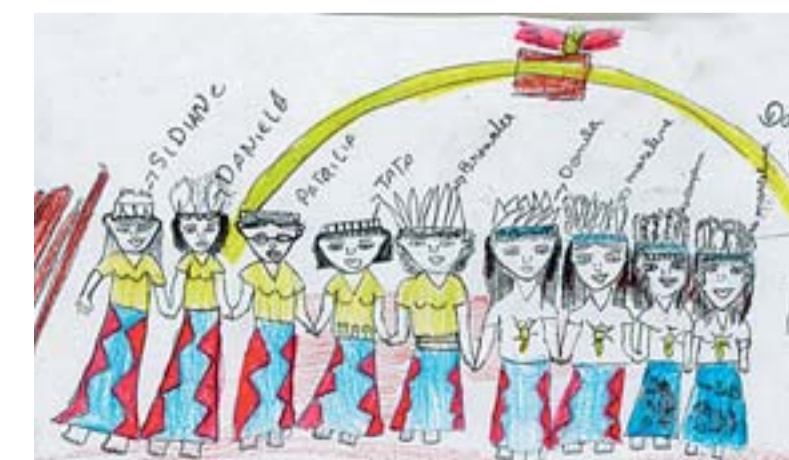
ber sobre agricultura e beneficiar quem vive aqui — conta Ronaldo, com um português perfeito, justificado por ter estudado fora da aldeia até a 8ª série.

Em casa, a língua falada é a da tribo e a maioria dos pais nem entende outro idioma que não seja o usado na aldeia chamada M' Biguaçu.

Karai Dju está no último ano do colégio. Ele estuda no Ensino de Jovens e Adultos (EJA), que é também bilingüe, para estender aos mais velhos a oportunidade de conhecer a cultura de fora dali, já que nem todos passaram pela escola indígena por ser uma instituição considerada recente.

Ronaldo admite que gostava do colégio fora da aldeia, mas considera o atual melhor pelo fato de todos os colegas serem seus primos. Para o final do ano, nada de estresse com o vestibular. Para o ano que vem, nenhum plano longe da M' Biguaçu. Faculdade, pode até acontecer, mas não será prioridade.

Os desenhos desta página foram feitos por alunos da escola de Biguaçu.



Dayane de Souza, 10 anos, 4ª série

Trabalho destaca o civismo

Desenvolver conceitos de pátria, liberdade, fraternidade, igualdade e independência foi um dos objetivos do trabalho realizado pela professora Marli Dechering, na Escola de Educação Básica Cacilda Guimarães, no município de Vidal Ramos, com alunos da 1ª a 4ª série.

Outro objetivo foi incentivar o amor à pátria.

Antes de aplicar o trabalho, a professora falou para os estudantes que, hoje, muitas coisas nos impedem de projetar uma vida melhor (corrupção, fome, falta de moradia, de diálogo nas famílias, envolvimento com drogas, violência no trânsito etc). No entanto, disse a professora, a história é feita por

peças e são elas que podem modificar a realidade.

– Somos uma pátria formada por pessoas talentosas, criativas, inteligentes, batalhadoras e precisamos unir nossas forças para vivermos melhor e sermos realmente felizes – destacou a docente.

A professora Marli ainda ressaltou que a comemoração da Semana da Pátria é “indispensável” para as escolas, pois proporciona ao professor a oportunidade de formar na criança o conceito de pátria.

– É necessário resgatar o valor e o respeito indispensáveis à nossa pátria, que, apesar de crises, é a terra onde nascemos e vivemos. E que cada um de nós, como cidadão, tem direitos, mas, acima de tudo, temos que ser conhecedores de nossos deveres para com a nossa pátria.



Arthur Wandrey da Cruz, 9 anos



Amanda da Cruz, 10 anos



Carlos Alexandre, 11 anos



Jovane Scheidt, 13 anos



Beatriz Suzani de Souza, 10 anos



Bruna de Souza, 10 anos



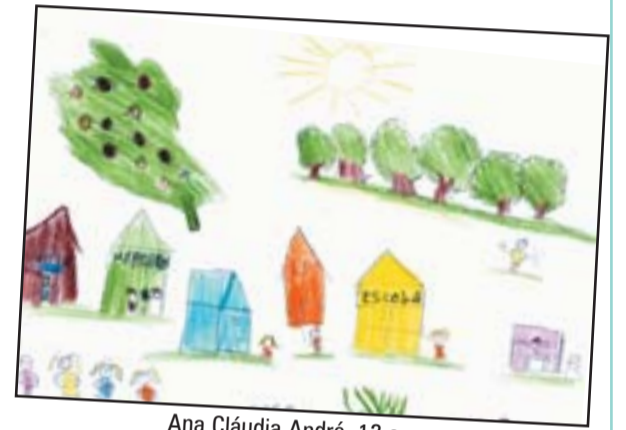
Vanessa Raimundo, 10 anos



Danilo Golini, 9 anos



Sophie Kemper, 10 anos



Ana Cláudia André, 12 anos



Lucinéia Padilha, 10 anos



Edilson Prange, 10 anos



Giseli Burg, 10 anos



Édson Laurindo, 10 anos



Priscila Nascimento, 10 anos

Férias têm uma lista de benefícios

Livrar-se de estudar para prova, de ter que passar um período inteiro no colégio, de entregar trabalhos, de fazer tarefas...

A lista dos benefícios que as férias de Verão trazem consigo, citada pelos alunos, preencheria algumas linhas e não se esgota aqui. Nesta época do ano, do ensino fundamental ao médio, os estudantes estão cansados e "loucos para dar um tempo", como dizem, das responsabilidades.

Depois da guerra de ovo e farinha do último dia de aula, dormir até tarde, ir para praia, rever os amigos, sair durante a semana e viajar viram as obrigações de quem estudou o ano inteiro. Esses planos fazem parte do que a maioria considera como férias ideal.

Mas a verdade é que recesso escolar não significa apenas diversão. Para a estudante do segundo ano do ensino médio do Instituto Estadual de Educação (colégio da Capital), Amanda Isabel, 16 anos, as férias serão sinônimo de trabalho.

– É claro que um dia ou outro vai dar para curtir, mas a meta é adquirir experiência para enfrentar o mercado em breve – conta.

Tem aluno que ainda não sabe quando vai parar

Apesar da eminência das férias, há quem nem saiba ao certo o que vai fazer, nem a data quando o tão esperado recesso vai começar. Isso porque, embora o calendário esteja definido há tempo, tem aluno que não sabe o dia em que deixará os livros didáticos, como Alessandra Vidal, de 18 anos.

Colega de turma de Amanda, Alessandra prevê que ficará de recuperação em mais de uma disciplina, adiando o descanso do Verão. Para ela, ao contrário da maioria de seus amigos, a praia está longe de ser a melhor opção. Logo que puder, Alessandra pensa em escolher as baixas temperaturas do ar-condicionado dos shoppings para assistir a filmes. Nada de calor à beira-mar.

Alegria para uns, trabalho para outros

Independentemente das



Isabela Schwinden colocou a leitura no topo das atividades que fará nas férias

preferências de cada estudante, todos têm um objetivo em comum, que é afastar o estresse do ano letivo e fugir da rotina.

A comemoração, no entanto, não é somente deles. Alguns pais também festejam o recesso. Os que podem, fazem suas férias coincidirem com as escolares para conviver em família. Já os que não podem planejar férias conjuntas, às vezes ficam sem saber o que fazer com os filhos em casa e transformam o recesso em uma preocupação.

É o caso da agente de saúde Roselane Garcia e do marido, atendente de um hotel. Eles trabalham, não têm férias para tirar e nem com quem deixar o filho Gabriel,

de sete anos.

– Vamos ter que programar nossos horários de trabalho de forma que seja possível revezar. Se um sai, o outro fica. Sair mesmo, apenas aos fins de semana – conta Roselane Garcia.

Para o aluno, é tempo de game e de bicicleta

Para Gabriel, estudante da primeira série do colégio Coronel Antônio Lemhkul, em Águas Mornas, não haverá problema em ficar em casa. Tudo que ele quer é jogar videogame e andar de bicicleta.

– Estudar não – apressa-se em dizer.



Com base nas notas, Alessandra Vidal não sabe quando vai poder descansar

Cansaço antes do recesso

Mais do que uma alegria, o tempo de férias é necessário para os estudantes. Segundo a pedagoga Gilmara Lisbôa dos Reis, meses antes do recesso, alunos e professores já demonstram cansaço e sensação de missão cumprida.

Quando o conteúdo foi esgotado e as notas foram dadas, é hora de aproveitar a preguiça que o calor traz para substituir a responsabilidade por atividades lúdicas.

– Penso que um mês seria suficiente para repor as energias. Mas as férias são essenciais, até pela expectativa que as festas de fim de ano trazem, deixando muitos impacientes e ansiosos em sala de aula – comenta Gilmara.

Para ela, é fundamental que,

durante as férias, os pais dediquem parte do tempo para conversar e fazer programas com os filhos. Incentivá-los a manter hábitos como a leitura, que, na sua opinião, não devem ser vistos como atividades relativas ao ano letivo e sim como entretenimento, também é tarefa dos pais.

Sem nem precisar do incentivo da mãe ou do pai, a estudante Isabela Schwinden, da 8ª série do Colégio Coronel Antônio Lemhkul, colocou a leitura como programa principal do recesso que se aproxima. Fã da escritora catarinense Urda Alice Klueger, Isabela pretende esgotar a bibliografia da autora.

– Só faltarão três livros, então vou dedicar meu tempo à leitura por dois motivos: meus pais vão trabalhar e gosto das histórias que ela escreve – finaliza.

Professores também merecem descanso

Já que não posso viajar agora por questões financeiras, quero estudar para concursos públicos.

Geson Pires,
professor de Física



Descansar é o principal, mas curtir a praia com os filhos é um programa indispensável nas férias.

Claudia de Moraes,
leciona Português



Pretendo visitar meus parentes em Goiás, mas voltar logo para curtir as praias.

Alexandre Alves,
professor de Português



Quero dormir até tarde, ir para praia e dedicar mais tempo à família e aos amigos.

Adriana Cardoso,
professora de Educação Física

Depois das festas de fim de ano, que passarei em família, vou viajar para conhecer outros países da América do Sul.

Jaqueline Saad,
supervisora escolar



Gostaria de visitar meus irmãos em Rondônia com esposa e filhos, mas não sei se o salário de professor vai permitir.

Pedro Jorge Pinho,
professor da 4ª série



Reflexão sobre o civismo

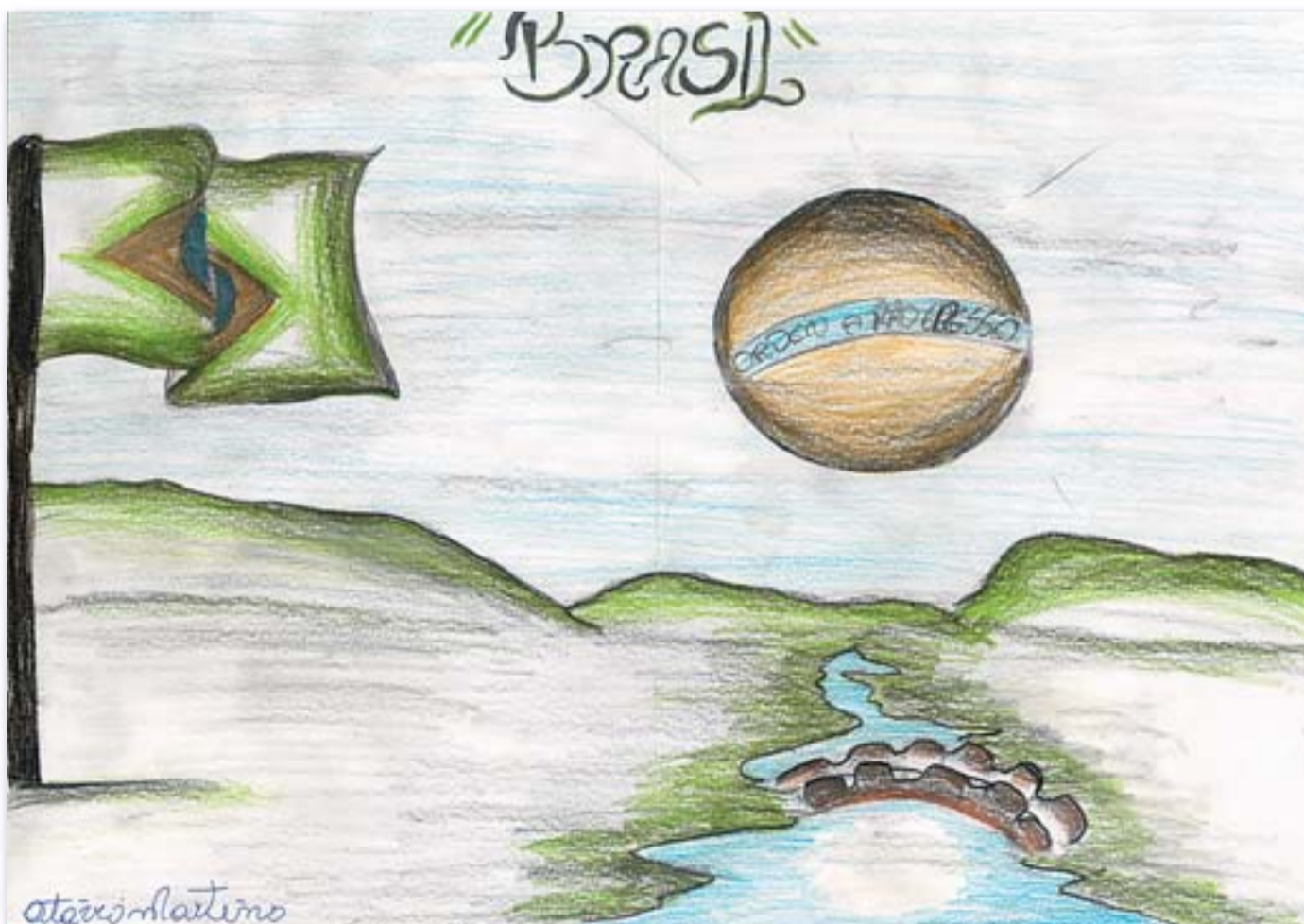
O segundo semestre de cada ano é um período em que as datas fazem exaltar o sentimento de brasilidade. Logo depois do Sete de Setembro vem a Proclamação da República, em 15 de novembro. Em Apiúna, no Vale do Itajaí, a professora Neuza de Pinho Moser buscou uma reflexão sobre civismo e patriotismo nos seus alunos da Escola Estadual Básica São João Bosco.

O tema foi lançado nas aulas de história e de sociologia, com alunos do ensino médio. Depois da teoria, os estudantes tinham como tarefa representar, de forma escrita ou artística, o seu entendimento sobre o tema.

Confira alguns desenhos realizados pelos alunos.



Desenho de Tairine Ceruti



Trabalho de Otávio Martins



Trabalho de Gislaine Paul



Obra de Anna Camila da Silva



Desenho de Djéssica Faes